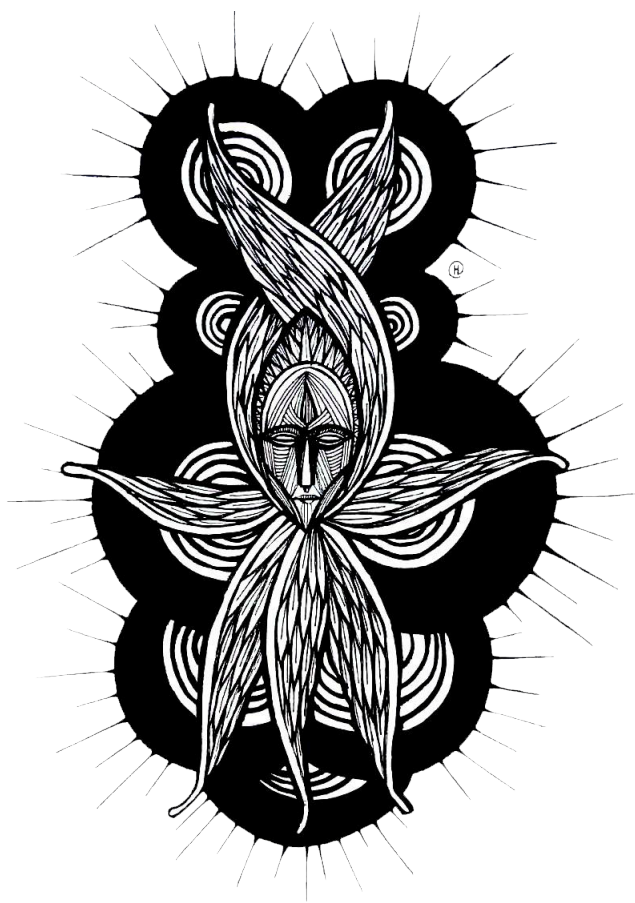




Ilustrador: Marcelo Júlio

7 ASAS PARA A LIBERDADE

HELDEMARCIO FERREIRA

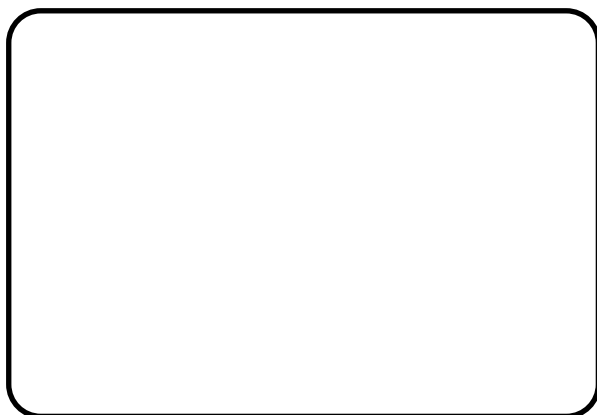
Copyright © 2020 Heldemarcio Ferreira.

Ilustrador: Marcelo Júlio

Revisão: Gesilda Marques da Silva Ramos

Capa e Diagramação: Felipe Cadena

Impressão: Luci Artes Gráficas Ltda.



Palavras do autor

Cada livro que concebo propicia a oportunidade de libertar ideias e sentimentos, por vezes enclausurados, de modo que esse artefato se assemelha a uma asa imagética. A asa quando aberta, libera as palavras num voo sem fronteiras sobre o consciente, permeado pelos mais oníricos desejos do inconsciente.

A sétima asa que abro nesta obra reverencia experiências adquiridas e vivenciadas que ficaram registradas nos livros anteriores, conforme resumido a seguir:

1a asa - O inverso de mim revela uma odisseia autoral e autobiográfica com elementos marcantes de melancolia, solidão e desilusão afetiva;

2a asa - Visões Sobre Todos os Cantos do Poeta apresenta uma obra densa e intimista com profundidade e lucidez ao enxergar as nuances da alma do poeta;

3a asa - C@rtilh@ de Enc@nt@r é uma saborosa e divertida mistura de artes e irreverência para cultivar o encanto lúdico da poesia;

4a asa - Poemas mínimos & Máximas é um despretenso pocket book contendo tiradas rápidas e minimalistas sobre o cotidiano com ironia e humor;

5a asa - A mulher deitada no sofá e outras cenas é um livro com temática mais abrangente e engajado com o atual cenário político e social, em formato de crônicas poéticas contemporâneas;

6a asa - Promíscuos Livro de Poemas da Alcova é uma obra sobre o erotismo e a volúpia, que enaltece a sensualidade peculiar à natureza humana.

7a asa - 7 asas para a liberdade é uma ode à liberdade e ao humanismo. O resgate do prazer sensorial da palavra: Alar-se pelo poder da pena em seu sentido mais literário.

Prefácio

O poema é a roupa com que se veste a poesia para dizer o que sem ela não é possível.

A poesia ganha vida nas palavras e elas têm memória. Heldemarcio Ferreira acrescenta asas às memórias refletidas e refratadas nas palavras e as representa em poemas, libertando as ideias e os sentimentos porventura aprisionados.

Abertas as asas, as palavras alçam voos que só a arte de dizer a poesia possibilita. Heldemarcio reúne as palavras para falar de melancolia e solidão; para desvelar a alma do poeta. Com palavras aladas, a poesia ganha ludicidade, ou mesmo materializa a acidez da ironia, que pode estar no olhar direcionado ao atual cenário político e social; pelas palavras, encontramos os benefícios do humor, a sensualidade imanente à natureza humana.

Nas asas das palavras proferidas por Heldemarcio Ferreira, encontramos instrumentos para “pronunciar o mundo”, os sentimentos descobertos e os ainda em devir.

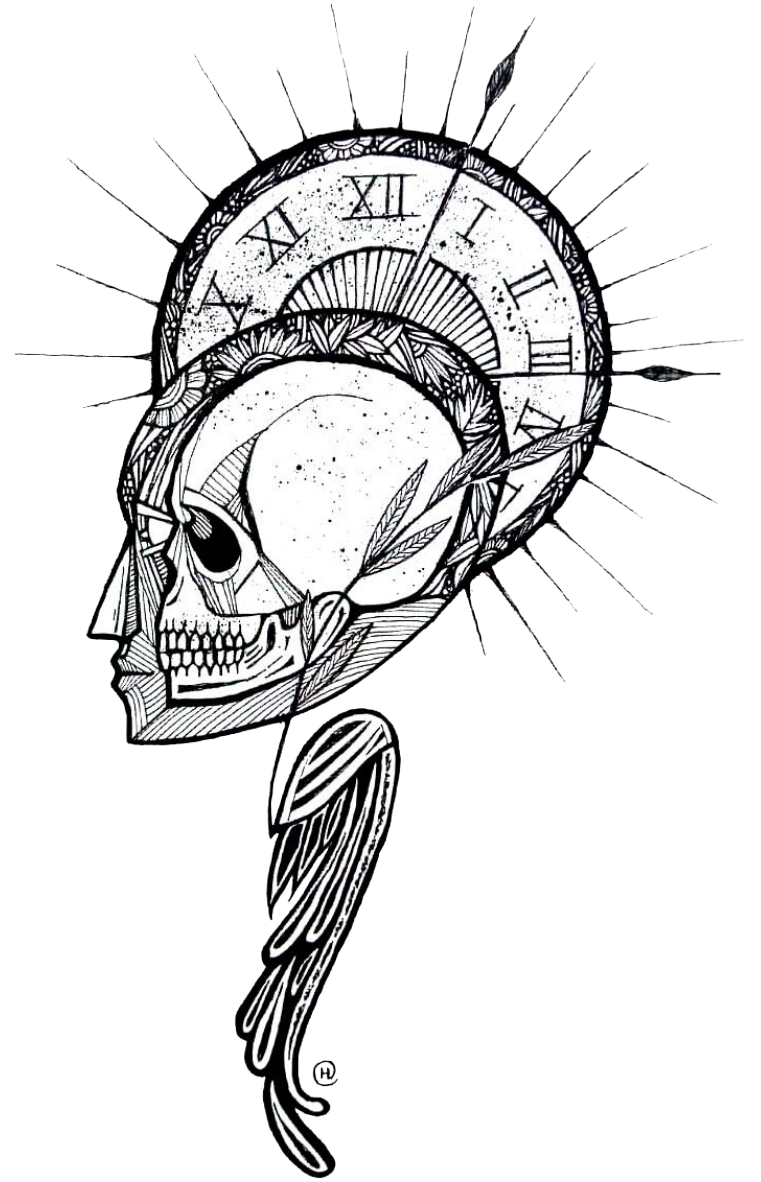
EDITE MARQUES DE MOURA

Dois livros publicados. (O segundo na segunda edição).

Especialista e mestre em Linguística pela UFPE.

Doutora em Linguagem pela Universidade Mackenzie

10. A dialética epistêmica do ser
11. Agnóstico
12. A horda do pesadelo
13. Amor e ódio
14. A pena, a pele e a pedra
15. Arte poética
16. Asas da liberdade
18. As modernas águas de março
19. Astrolábio (A MULHER DEITADA NO SOFÁ E OUTRA CENAS)
20. Astrolábio \ No Lábio Astral
21. Belchior
22. Black bird (A MULHER DEITADA NO SOFÁ E OUTRA CENAS)
23. Branca
24. Ciclo (VISÕES SOBRE TODOS OS CANTOS DO POETA)
25. Companheira
26. Crônica de um dia odiado
28. Declaração de Bens
29. Déjà vu
30. Espartilho (PROMÍSCUOS LIVRO DE POEMAS DA ALCOVA)
31. Essência (O INVERSO DE MIM)
32. Flor de cactus
34. Guru dos mangues
35. Havia Vinícius
36. Holograma
37. Iracema, a índia
38. Itapetim & Itaporanga
39. Labirinto (VISÕES SOBRE TODOS OS CANTOS DO POETA)
40. Letra expandida
41. Ligações perigosas
42. Linguisteria de Lacan
43. Linguisteria de Lacan \ Budismo Freudiano
44. Literatus (brebi opus) (C@RTLH@ DE ENC@NT@R)
46. Livre de mim
47. Livres para amar
48. Mediocridade (O INVERSO DE MIM)
50. Mesto vovente
51. Nostradamus (POEMAS mínimos & MÁXIMAS)
52. Olhos grandes
53. O raro sabor do amar
54. O fim do mundo
55. Perdidos na rede
56. Pintando o sete
57. Poema alado
58. Poema de sobra
59. Poema non sense
60. Poeta Margenial (POEMAS mínimos & MÁXIMAS)
61. Porfia
62. Portal do encanto (C@RTLH@ DE ENC@NT@R)
64. Princesa dos canaviais
65. Senda do Aposentado
66. Sensei (PROMÍSCUOS LIVRO DE POEMAS DA ALCOVA)
67. Signo do ar
68. Soneto da perfídia
69. Sublime
70. Totens do “Mito”
71. Transcendental
72. Um sol impiedoso da razão
73. Um soneto para servir gelado
74. Viva LULA Livre!



A dialética epistêmica do ser

Enquanto a mente anseia
Pela satisfação de suas vontades,
Numa profusão de ambiguidades
Em que o desejo se baseia...

A alma perambula livre
Pela eternidade de cada segundo,
Além de todas cousas do mundo
Por onde o corpo sobrevive...

Neste cenário reside o dilema
Que atormenta a creatura
E o aprisiona como uma algema

O desejo é o infinito em ruptura
Apesar de ser a alma plena
Consciente sigo imerso na mistura.

Agnóstico

Dunas nuas do deserto
Em plena vaga vastidão
Até o céu parece perto
Em sua larga imensidão

D'uma coisa estou certo
Apesar de tanta estrada
Pelo acaso me desperto
Vida profana consagrada

Doutra célula, me liberto
Sob olhares tão algozes
Pra voar de peito aberto
E pensamentos velozes!

A horda do pesadelo

Bíblia à mão, oh! irmão
Vamos proclamar a família e a tradição
Bíblia à mão, oh! irmão
E o nosso senhor salvador no coração

E assim, entre a incoerência e a barbárie
A hipocrisia é o que me assusta
Quando qualquer mentira que se espalhe
Pelo equilíbrio da balança injusta

Pra quem prega tanto ódio e terror
Pra quem nega argumento racional
Um leve sopro ao vento leve do amor
O verso que reverte essa fúria animal

Bíblia à mão, oh! irmão
Vamos proclamar a família e a tradição
Bíblia à mão, oh! irmão
E o nosso senhor salvador no coração

Nesse cenário torpe, decrepito e vulgar
Em que se propagam ideias medievais
Há de haver na treva, luz nalgum lugar
A era do horror da ditadura nunca mais

Que esta violência insana e indecente
Não germine e contamine toda a horda
Nem faça impune tanta vítima inocente
Só se finda o pesadelo quando acorda

Bíblia à mão, oh! irmão
Vamos proclamar a família e a tradição
Bíblia à mão, oh! irmão
E o nosso senhor salvador no coração.

Amor e ódio

Amar é amargo
Como voltar pra casa
a pé
Sem nenhum puto
no bolso
E nenhuma esperança
no coração...

Água que deságua
Como fonte que vaza
pelo rosto
Mesmo após enxuto
da chuva
Por mera semelhança
à lágrima...

Um mar de marasmo
Como a filosofia rasa
do ego
De um ser irresoluto
no desejo
Em obstinada vingança
de ódio.

A pena, a pele e a pedra

A pena, a pedra e a pele
Que só o poema revele
A cena além da emoção
No caminho do coração

Apenas o poeta concebe
Quando seu peito recebe
Cada palavra que traga
E da paixão se embriaga

A pena, a pele e a pedra
Na alma nasce e medra
Flora em versos e rimas
Joias raras, obras primas.

Arte poética

Sirva e se saboreie da poesia
Do verso, da palavra e da rima
A imagética e sonora anestesia
Que te entorpece e te reanima

Sob os auspícios da arte poética
Na qual, Aristóteles, em filosofia
Remete à extensão da estética
Que expressa o poder da grafia

A tragédia, a comédia, o drama
O romance, a novela e o conto
Em quaisquer gêneros ou trama

A poesia os permeia a tal ponto
Como fosse a areia, sob a grama
E assim meu soneto está pronto!

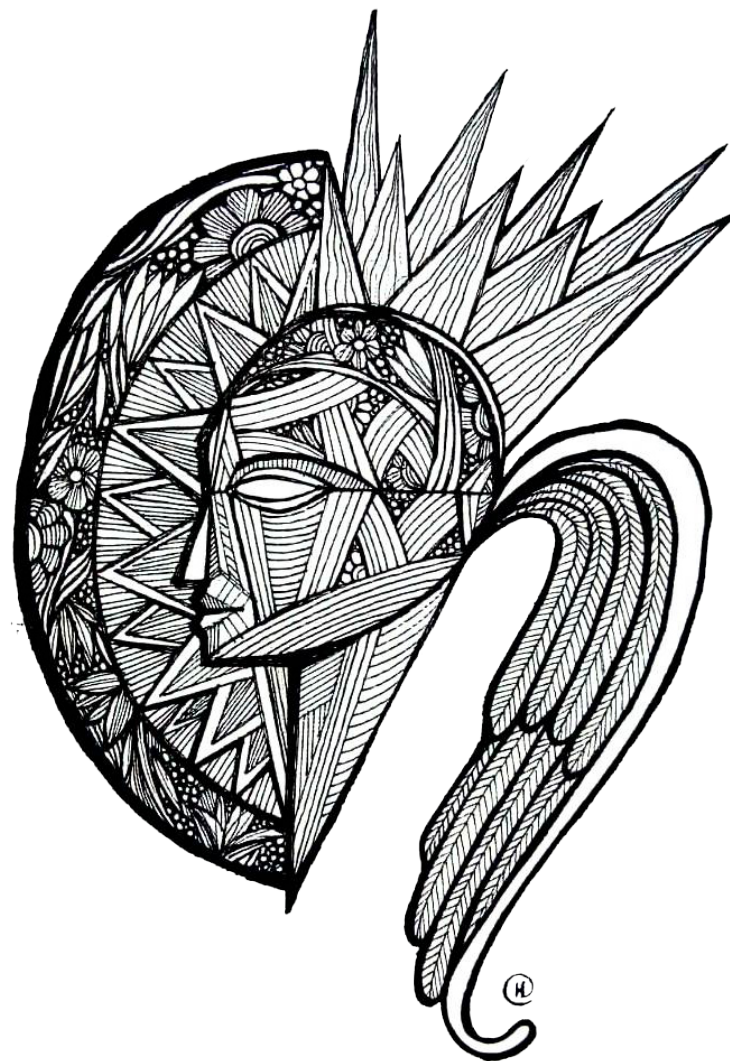
Asas da liberdade

Como se fora um avatar
Miragem de amor pragmática
Na mensagem subliminar
Do milagre de aura dramática

O teu coração livre solta a asa
Tatuada no braço, indelével
A tua paixão incendeia e arrasa
Flama em bravura admirável!

Com tanto afeto a resgatar
Dessa cena adversa e errática
Quisera valer a pena acatar
Carente, tanta solidão apática

E assim despedaças a certeza
Buscando o que a alma acredita
Em mim, teu amor é correnteza
Para a minha poesia tão aflita!



As modernas águas de março

Céu estranho, estando eu aqui sozinho
O vinho do Alentejo e a música dolente
Um clima envolvente de pura nostalgia
Magia que me faz um ser alegre e triste

Existe solidão se mergulhamos em nós?
A sós, também, outros estão, aos pares
Todos os lugares cabem dentro de mim
Assim, estar aqui é estar em todo canto

Enquanto dark clouds are the landscape
the shape of march waters brings Jobim
No jardim as gotas da chuva tamborilam
Assimilam uma nova canção de inverno

No eterno instante que pode durar tanto
Quanto o que falta para o que pretendo
Sempre me rendo ao “insight” do infinito
É que tudo isto não passa de um poema.

Astrolábio

Estrelas em constelação
Riscam o céu da incerteza
“Deus te guie (Oh!) zelação”
Em branda luz, viva la dolcezza!

Do ápice da humana alçada
À mesa dos jogos de azares;
“A (pura) sorte está lançada! ”,
Quase a asar só pelos ares...

Exarado naquele alfarrábio
Do indelével acaso, a rota
A navegar sem astrolábio

Que por tal senda ignota
Possa lograr êxito, o sábio
Cuja herdade ninguém nota.

Estrelas em constelação
 \Pontos de luz na aspereza -
Riscam o céu da incerteza
 \Perdidos na imensidão
“Deus te guie (Oh!) zelação”
 \De sua própria proeza -
Em branda luz, viva la dolcezza!
 \Do selvagem coração

Do ápice da humana alçada
 \Encerram os seus pesares
À mesa dos jogos de azares
 \Num jogo de tudo ou nada;
“A (pura) sorte está lançada!”
 \Na penumbra dos altares,
Quase a asar só pelos ares...
 \Têm sua sina ofuscada.

Exarado naquele alfarrábio
 \Tentando elevar a cota,
Do indelével acaso, a rota
 \Procura, no cosmolábio,
A navegar sem astrolábio
 \À Altura da gaivota,

Que por tal senda ignota
 \O toque do último lábio,
Possa lograr êxito, o sábio
 \Alcança sua derrota,
Cuja herdade ninguém nota.
 \Doando-se ao descalabro.

Oh! Poeta louco
dos lírios, das líras e letras extremas
se tudo foste, nesta vida ainda é pouco
Deus salve o som dos teus poemas

Oh! Poeta maldito
de canto torto que corta a nossa carne
que sagra o sacrifício de um povo proscrito
Ante a hipocrisia, alvo do teu escarne

Oh! Poeta insone
desses oceanos por demônios vastos
que a flor da bravura nunca te abandone
E caminha solene sobre verdes pastos

Oh! Magnífico poeta
de olhar sombrio sob a bruma espessa...
que a lancinante noite com sua treva abjeta
Cubra a minha solidão e eu desapareça.

*Se existir um Deus que seja do bem...
Mas, (h)ouve um Belchior que eu amei
e amém..*

Black bird

Long ago,
I overheard a tune of somber harmony:
“Black bird singing in the night”.
My heart then flew away on its wings.

Long ago,
I was then a man of hope,
Same of a black bird in the dark corners of
my heart.
My dream then traveled away on its wings.

In years yet to come,
I shall long for changes to happen,
Like the ones the black bird whispered to
the poet’s ears;
All wobbling, as they were, on the wings of
my dreams.

“Let the past be no more!”

Alguns anos atrás,
Eu ouvi a música de harmonia dolente,
“Pássaro preto cantando no meio da noite”.
Então meu coração flutuou nas suas asas.

Alguns anos atrás,
Eu ainda era um homem com esperança,
Como um pássaro preto na noite escura da
minha vida.
Então meus sonhos viajaram nas minhas asas
curtas.

Nos próximos anos,
Quero ver a nova mudança acontecer,
Como o pássaro preto cantou para o poeta.
Tão solto nas asas da minha alucinação.

“O passado nunca mais!

Participação de Flavio Vieira Barros

Branca

Lua
Nuvem
Papel
e seda
Branca

Alma
Estrela
Pétala
e lírio
Branco

Raios de luz em clareza alva
Alumbram as cidades grandes
Como a neve em plenos Andes
E os cristais da estrela d’alva

Aura transparente da inocência
Que a pureza branca tudo encerra
Todas as cores juntas à atmosfera
Sob a luz d’uma transcendência

Que a paz dos animais vigore
Acalme o coração no peito aflito
E que novo e antigo sem conflito
Partilhem o amor que nos colore.

Ciclo

Por que será que respondemos
Sempre da mesma forma?
(Devemos ter algo em comum)
No que se refere ao uso da palavra
Como meio ou como caminho
Uma trilha para algum des(a)tino

Às vezes o caminho se torna labirinto
E nos perdemos no meio
(Entre reflexos de tantos espelhos)
Ou perdemos o fio da meada
Num nó cego da linha cíclica do tempo
Que não desata as amarras da mente

Porque à vista não nos é dada
A luz que está além do olho que vê
Criar atalhos ilusórios para o nada
É sofrer pela estrada a qualquer preço
Quando o fim para nós, muitas vezes
Está na ideia da volta ao começo.

Companheira

Só para a minha companheira
Assumo dar, mesmo não tendo
Pois, ainda que ela não queira
Assim é o amor que e(x/n)tendo!

Pretendo saciar toda essa falta
O vazio d'uma alma enamorada
Pois, só com o desejo se exalta
A nossa integridade fraturada!

Para a companheira que escolho
Enquanto houver amor, acredito
De peito aberto e sem ferrolho!

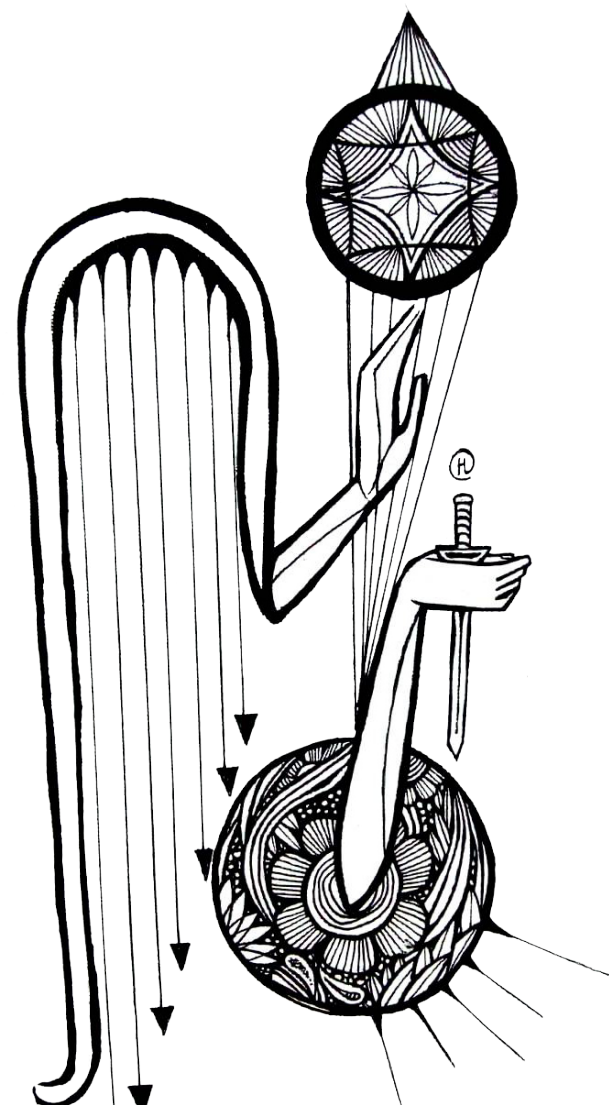
Para a companheira, soou bonito
O brilho da paixão se vê no olho
A profusão afetiva, no es(c/t)rito.

Crônica de um dia odiado

Nessa cidade
A necessidade
Nós percebemos...
Na sociedade
E na ansiedade
Nós perecemos...

Corre a correnteza
Urgente dessa gente
E o guarda à guarda
Atento ao movimento
Da horda que aborda
Num dia tão odiado

É o tédio sem remédio
De todo o ofício
Profissional
A vida a ser absorvida
No tolo sacrifício
Prova o final.



Declaração de Bens

Nada há para declarar
Só tenho de valor a poesia
O meu bem maior é utopia
Que nunca irão delapidar

Tudo é sem valor venal
Só artigo fora de mercado
O meu tesouro foi marcado
Como um poema visceral

Para contemplar o belo
Cujo preço é inestimável

Nesse comércio paralelo
Embora nada formidável
Um mero soneto singelo
É patrimônio inalienável.

Déjà vu

Um amor verdadeiro
E você disse primeiro
Ser a minha alma gêmea...
Uma dose de encanto
Que me causa espanto
E me faz flutuar...

Um amor do proibido
Marginal e escondido
Que se delata em poema...
Uma ponte no abismo
Para fugir do egoísmo
Ou asas para voar...

Um amor já vivido
A cada dia repetido
Entre macho e fêmea
Que vai de mim para tu
Como aquele déjà vu
Amor para se amar.

Espartilho

Toda nudez será castigada
como a estupidez da mulher ultrajada
vê-se, em toda carência, a tola violência
como uma antiga mágoa velada
ecoar preconceitos de pais a filhos
que seguem (e ceguem) os mesmos trilhos
E tantas gerações na ânsia, em vão,
vão perpetuar a ignorância
resta como herança: essa horda insana
e desumana que avança
a urrar, com o dedo no gatilho,
ante os fartos (e fatos) seios no espartilho

Essência

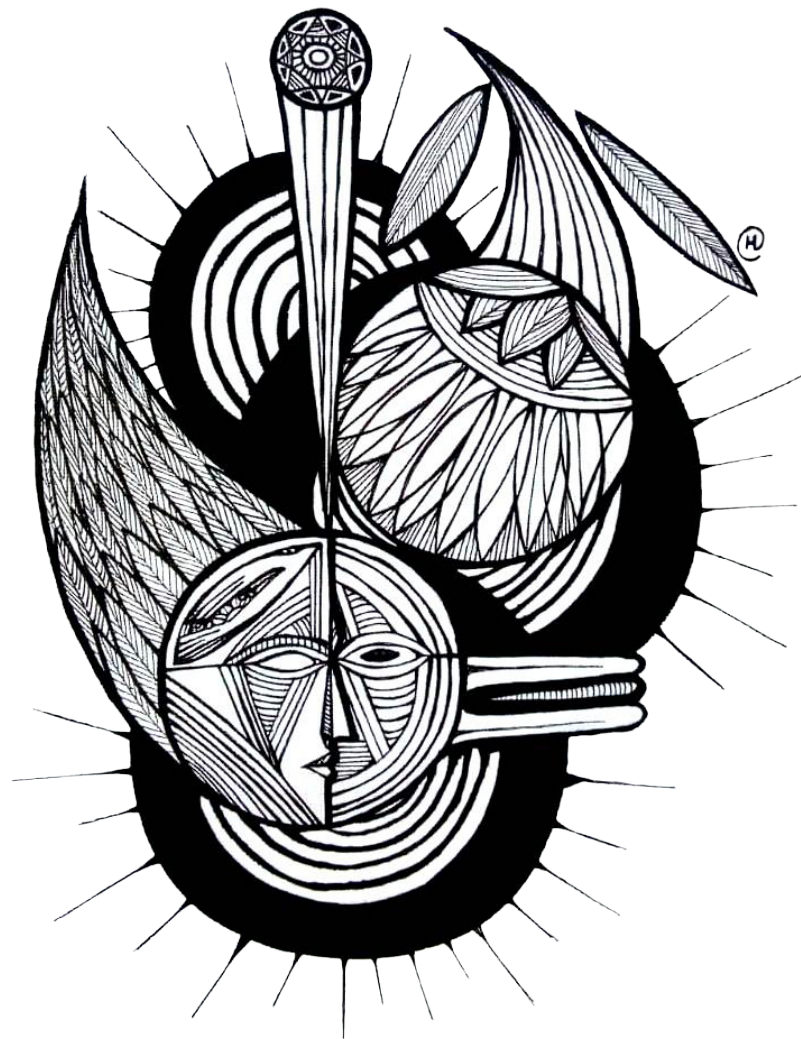
Meu pensar nunca me engana
Pois, minha mente não se profana
Ante as “facilidades” de consumo
Faço um poema, de certo maldito
Que comovente, embora mal escrito
Revela a essência do que assumo
Pois, não adianta me fingir “feliz”
Fazer aquilo que nada me diz
É no silêncio que apareço e sumo

Meu cantar não se completa
Pois, a minha alma de poeta
Busca o “algo” mais profundo
Por isso, essa solidão constante
Que me preserva bem distante
Das cousas vãs que há no mundo
Sigo “vida adentro, mundo afora”
Com a única certeza do agora
Viver é “saber” cada segundo.

Flor de cactus

O meu coração cigano diz
que na raiz de todo ser humano
corre a seiva da felicidade
O meu sentimento é visceral
ao ser natural, e por assim dizer
a poesia d'uma flor de cactus

Não existem alegria ou tristeza
que à natureza não reflita
na sua rara e exuberante ária
Flor primária que em si encerra
sobre a terra e lama em que existe
cada ser em seu ardor e habitus.



Guru dos mangues

Ainda que tu andes
Dos pampas ao Himalaia
Da cordilheira dos andes
“O siglas por la playa...”

Carregas este ideal
Da tal sociedade justa
Cada ser a ser igual
“A mi también me gusta...”

A quem à natureza alude
Fauna, flora e atmosfera
Se conceda a juventude
“Por la vida entera...”

Arte sã, a alma da lenha
O guru expõe sob medida
E tudo seja, e nada tenha
“Gracias a la vida...”

Havia Vinícius

Na ausência, só o que resta
é a nostalgia como remédio
Essa agonia, agrura, aresta
e a letargia de sono e tédio!

Dentro o escuro a se perder
por suas rotas, ruas ignotas
Mão que tateia antes de ter
poesia traduzida em notas

De vícios a versos musicais
que “O poetinha” consagrou
Resta a Vinícius de Moraes
ser “O Haver” que o sagrou.

Holograma

Salve o amor possível
de corpos palpáveis
ao alcance da mão...
Viva o amor tangível
pelos seres amáveis
O lance abstrato, não!

O olho só, vendo o virtual
Pelo anseio se vê de fora
Em cada um remete o drama
Neste programa que se repete
E quase consegue penetrar.

Na mão que toca o irreal
E pelo desejo o incorpora
Como a fratura do holograma
É o melodrama da criatura
Que a intenção faz perpetrar.

Iracema, a índia

Ao largo daquela floresta
Tanta vida se manifesta
Bem no coração da mata
Locos do meu ser primata
Onde a imaginação penetra

Ao pé da letra ela se perpetra...
Eu a percebo em mim ainda
E a descrevo: a minha índia
Como a Iracema de Alencar
Poesia que emana do Ceará

Além da fronteira do literal
Despida na praia do litoral
Bela expressão alternativa
Esplendor da alma nativa
Princesa da tribo Tabajara

A joia mais rara do Ubirajara...
Eu a pressinto: tara infinda
E a desejo assim tão linda
Como um romance popular
Poema que irmana o Ceará

Itapetim & Itaporanga

Esta ode é lapidada no latim
Sem fazer muita munganga
Cada verso escrito por mim
Eu guardo na minha capanga

Saiba que de onde eu vim
O jerimum não é moranga
E que matuto junto é assim
Se um zomba o outro zanga

Um matuto é lá de Itapetim
A outra vem de Itaporanga
Uma escreve um TCC ruim
Enquanto o outro “manga”

Um foi criado com “alfenin”
do corte da cana em camutanga
A outra adora comer pudim
Se toma leite, não chupa manga

E a macaxeira nunca foi aipim
Para quem já viu o boi de canga
Nem se veste com o trancelim
“Caboco” que não quer miçanga

Se nem do alto de um zepelim
O tempo esfria em Itaporanga
Melhor ser turista em Itapetim
A pedra é chata e não tabanga

Como dizia mestre Joaquim
A vida é cheia de bugiganga
Mas, a verdade está no gim
Pra se vestir, basta uma tanga

Agora a prosa já está no fim
Que eu ainda vou pro Janga
Beber da ceva cu de pinguim
E dar o meu grito do Ipiranga.

Labirinto

Meus olhos
na imensidão
d’outro oceano
se perdem
distantes
no arco (da) íris.
Meu coração
ex- cravejado
de saudade
na pulsação
bruta das dores
se dilata.

E as horas
passam...
sobre mim
Elas sempre
vem e vão
como marés.

Eis o mistério
de todo ser
preso em si mesmo
num labirinto
a abrir portas
e buscar saídas.
Eis a sentença
a ser cumprida
de vir ver a vida
do lado de fora
e achar-se por dentro
em algum sentido.

Letra expandida

Antes que fosse o que queria
Eu era o Inverso de mim
E assim, bem mais eu seria
Ao estender essas Visões
Sobre todos os cantos do poeta.

A arte expandiu minha família
Celebrando a Cartilha de Encantar
Meu lugar sempre foi na poesia
E as rimas adornaram tantos temas
Nos Poemas mínimos & Máximas

A mulher deitada no sofá e outras cenas
Crônicas poéticas contemporâneas
Que a Cadena mostrou ao rebentar:
As mazelas humanas, que o amor resolve
No Promíscuos livro de poemas da alcova.

Ligações perigosas (o eco do juizeco)

E agora juiz-eco de meia tigela?
Nenhuma panela ouvi bater...
Ainda assim escuto o eco do juiz
Em ligações (tão) vergonhosas!

E a armação aos poucos se revela
A elite teima em desentender...
Ainda assim escuto o eco do juiz
Parece que não importam provas

A turba segue de camisa amarela
Para tanto desaforo defender...
Ainda assim escuto o eco do juiz
Em suas ligações nada honrosas!

Para onde pende a balança dela?
Da justiça corrompida por poder
Ainda assim escuto o eco do juiz
O conteúdo não é o que importa?

Vejo o último capítulo da novela
Com o supremo e tudo a feder...
Ainda assim escuto o eco do juiz
Sem decoro, o seu foro hipócrita!

Linguisteria de Lacan

Os termos da lógica
Também como tipo de linguagem
Na sua profusão ideológica
O inconsciente é uma miragem?!

A transformação é significativa
Na aceitação dos vazios
O poder da valência impactante
Da política e seus desvarios

O signo da epistemologia
A filosofia subjetiva do “falado”
Naquilo que tem simbologia
Entre a semântica e o significado.

Linguisteria de Lacan \ *Budismo Freudiano*

Sob os termos da lógica
 Numa nova roupagem
Também como tipo de linguagem
 A tradicional semiótica
Na sua profusão ideológica
 De ancestral linhagem
O inconsciente é uma miragem?!
 Faz-se uma miríade de ópticas?!

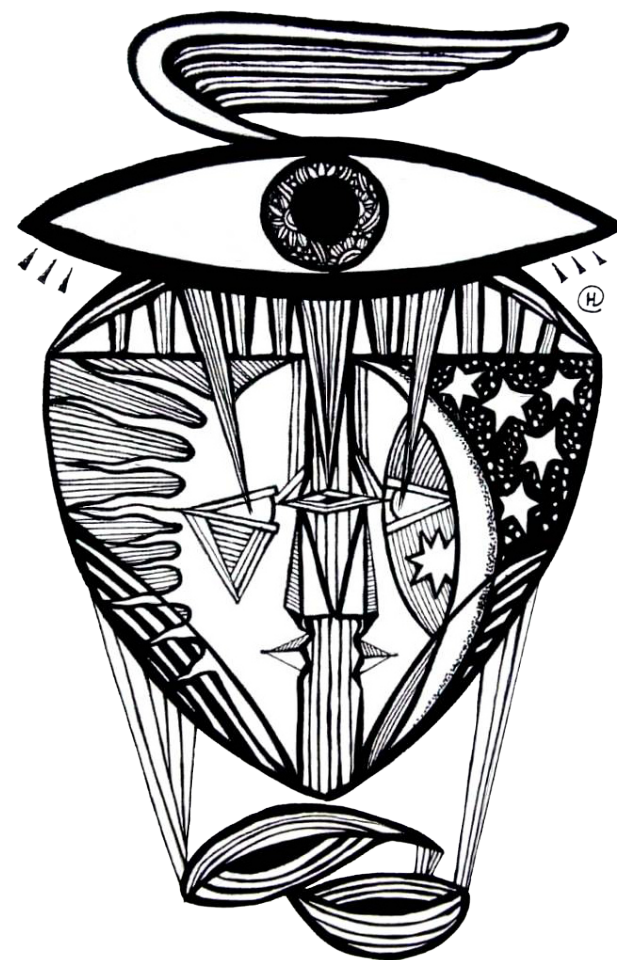
A transformação é significativa
 Do pensamento nos cios
Na aceitação dos vazios
 O sono ilimitante
O poder da valência impactante
 Desfaz os atavios
Da política e seus desvarios
 Embuste recalcitrante.

O signo da epistemologia
 No Eu ejaculado
A filosofia subjetiva do falado
 Das vísceras da hipocrisia
Naquilo que tem simbologia
 Busca-se o caminho intocado
Entre semântica e significado
 Sem nunca alcançar a ataraxia.

Antes de todas as eras
Éramos estrelas errantes
A espera do amanhã
Qual Erasmo de Roterdã
Elogiando a loucura
De sermos seres sãos...

Dali por diante, nem Dante
Seus infernos, purgatórios, paraísos
E outros territórios profanos
Fez de nós menos humanos
Mas, navegares são precisos
Pela divina comédia da vida...

Como era verde o meu vale
Repleto de ratos e homens
Por quem os sinos dobram
E as flores do mal nos brotam
Tudo em profusa mistura
Na diletta arte da leitura.



Livre de mim

Das ruínas das prisões
Que malfadavam meus dias
Ainda avisto os grilhões
Com que me aferravam as garantias

*Sem fianças de quantias
Tal masmorra estúpida
É a prisão mais vil e doentia
A cerrar-me o ímpeto tão mórbida*

Da cela as chaves busquei
Por anos, sem encontrar
Até que, enfim, despertei:
É a poesia que me salvará!

*Assim por certo saberá
Quem só me via a paisano
E das gambias penderá
Ao ver a fuga do parnasiano*

Para livrar-me de mim
E do olhar que me comia
O espírito, mente e rins,
Flutuei com as penas da poesia

*No poema que me anestesia
Da dor e do silêncio brutais
Entre adejo de versos, a cortesia
Que vós mais providos perscrutais*

A grade nunca oprimiu,
O medo me aprisionava
A chave nunca existiu,
Aberta o tempo todo a porta estava.

Participação de Guilherme Amorim

Livres para amar

Com toda liberdade que Deus nos deu
Cada um com sua escolha e recusa
Você e eu, cristã e ateu, a luz e o breu
Somos os catetos desta hipotenusa!

Buscando atalhos para o que importe
A vida inteira numa onírica procura
Sul e norte, azar e sorte, fraco e forte
Todos opostos postos na literatura!

Que um dia possa vir a acontecer
E quem dera o real jamais profane
O virtual sentido que enleva o ser

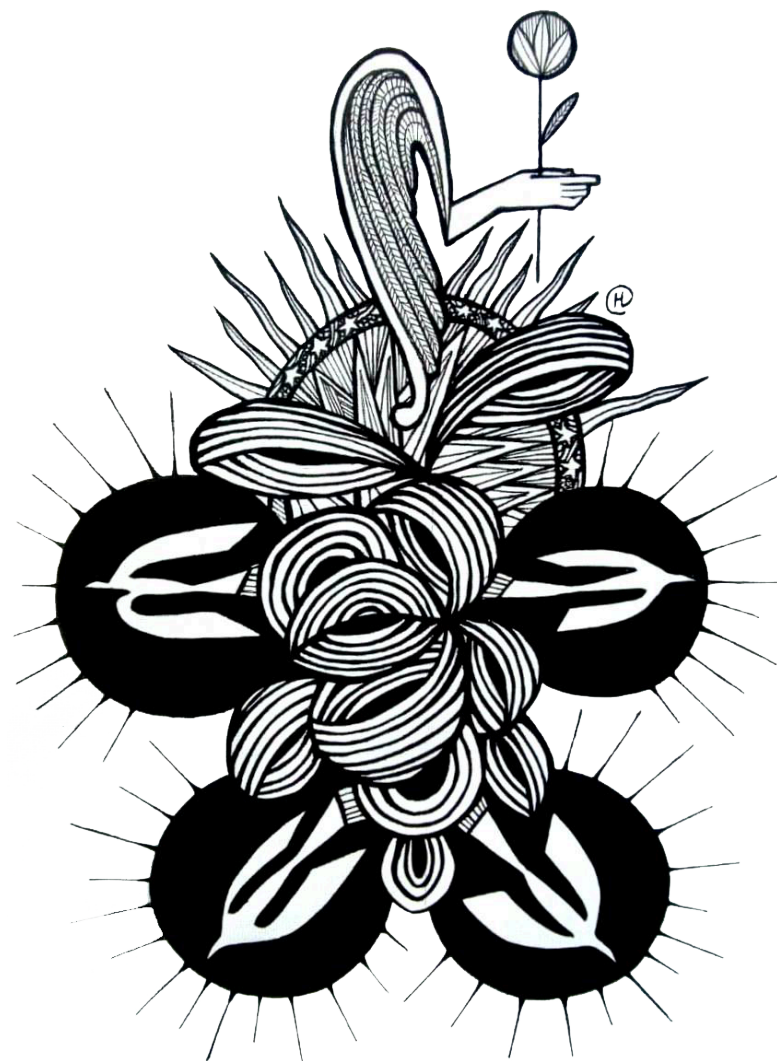
Algo em mim agora diz: que se dane!
Se certo ou errado, deixa aparecer:
Todo sentimento que de nós emane

Se Deus existir
Que me proteja
Daquilo que mais me aflige...

Se Deus permitir
Que nunca seja
Aquilo que não se corrige...

Deus, tende piedade
Dos seres sem esperança
Deus, afastai de mim a vaidade
Das horas de ignorância

Livrai-nos de nossas fraquezas
Vivendo para o amanhã
Só não nos deixeis cair na desgraça
Da vida medíocre e vã.



Fonte eterna de meu sentimento
És o universo a pulsar em meu peito!
Um fascínio inexorável de luz...
Eu me basto em ti... vasto e perfeito!
Caminho de estrelas que me conduz
Alegro-me por ser novidade anunciada
Nuvem permitida...ser pássaro...revoada.

Não sei definir o sentido da vida
Pois tu és a própria razão de meu respirar!
Poema de esmeraldas em Minh' alma...
Lacremejo ao te ouvir cantar!
No fascinante torpor que me acalma
Sejas sempre as manhãs... acordar lento
Córrego criança... a vontade...pensamento.

Que sejas ainda a esperança
Nos momentos em que cultivo um desistir!
Bálsamo que alivia as minhas dores...
Quando uso a ousadia de sentir!
Minha paixão que destila seus pavores
Além de tudo, rogo por seres o meu jamais...
Acalento de existir...sejas sempre a minha paz.

A carne se degrada
Poeira que some na estrada
Sob o tempo intacto.

(Quem há de prever o nada?)

A fama é transitória
Pura contemplação ilusória
Nos traz danos...

(Quando a ambição é a glória!)

Mas, a alma é infinita
Para aquele que acredita
Em fim, nisto!

(Qual a sua certeza? Reflita.)

Olhos grandes

Os olhos grandes da menina
que me fascina de excitação
Oh! Doce ilusão em minha vida
da sua in-vestida, não me protejo
porque almejo a fatal sedução.

Os olhos grandes da morena
em cena me causam atração
e a minha mão já mais atrevida
a convida ao meu maior desejo
se o beijo detona o meu tesão...

Os olhos grandes da mulher
que bem me quer e eu a quero
sincero em minha compulsão!
A imaginação não vê fronteiras
nem há barreiras para a tentação.

O raro sabor do amar

O fim do mundo é a perda de motivo
É estar vivo, mas ser raso e confuso
Se acuso a noite por outro dia cativo
O ser passivo diante de tanto abuso!

O fim do mundo visto por esse drone
Como o ciclone a varrer toda certeza
Não há beleza que não te abandone...
Nem o poeta insone, livre da tristeza!

O fim do mundo, aliás, é só o começo
Feito a chama do fogo que nos anima
É como um início, revisto pelo avesso
O ciclo da vida, a qual jamais termina.

O fim do mundo

O fim do mundo é a perda de motivo
É estar vivo, mas ser raso e confuso
Se acuso a noite por outro dia cativo
O ser passivo diante de tanto abuso!

O fim do mundo visto por esse drone
Como o ciclone a varrer toda certeza
Não há beleza que não te abandone...
Nem o poeta insone, livre da tristeza!

O fim do mundo, aliás, é só o começo
Feito a chama do fogo que nos anima
É como um início, revisto pelo avesso
O ciclo da vida, a qual jamais termina.

Perdidos na rede

Há quem do vídeo
Nunca duvide
E assim viaja
Num cache para as nuvens

Há quem pela web
Navegue no chat
E siga as rotinas
Num site de programas

Há quem por binário
Noutro ambiente
E língua ambígua
Num link, em si conecte.

Pintando o sete

Sete são as chagas de “Cristo”
São sete os pecados capitais
 Sete léguas percorridas
 Atrás de sete desejos
 Sete quedas alcancei
 Em sete meses, a luz
 Sete sexênios letais

Nascido de 7 meses
Quase não sobrevivi
Aprendi desde cedo
A fatalidade da vida!
Embalado pelo medo
Muita coisa eu escrevi
A demônios e deuses

Eis que hoje em dia
Após oito sexênios
Simulo em minha obra
A inquietude atrevida!
Do que não se dobra
A beócios e gênios
Poesia pura, picardia

O futuro me promete
Toda sorte e incerteza
Para compartilhar fiel
A palavra comovida!
Sangro letras no papel
E arde na mente acesa
Que poeta pinta o sete?

Poema alado

Abro as asas das palavras
Ditando o ritmo do adejo...
Como o beijo tem seu alvo
Cravo na pele em que assino:
A marca que demarca o meu!
Como um ateu em sua sina
Que assina a fé do poeta
A seta, o tacape ou a pena
Que o poema assim escreve
Leve como a brisa leve...

Abro a mente em pleno voo
Percorro terras, continente...
Contente por saber de você
Por ser o que a alma quer:
Mais do que a cabeça pensa!
Mulher e homem em união
Milhão de desejos proibidos
Concebidos a só e ausente
Na ânsia ardente do que ama
A chama que o verso descreve
Breve como a vida breve.

Poema de sobra

Lá fora a noite é extrema
O frio acalenta o acalanto
Cá dentro pairam em dilema
O poema pronto e o pranto

As frases se entrelaçam
Para dizer do que ficou ausente e mudo
Na ânsia do que nunca chegou
Sobram os poemas...

As rimas se dispersam
De trás do diálogo entre raso e profundo
A palavra, da esperança, cansou
Sobram os poemas...

No fim, é só mais um poema
Que para este silêncio existe
Como aquele filme de cinema
Que exhibe um final bem triste.

Poema non sense

Quero fazer um poema
Sem alerta nem doçura
Apenas uma aventura incerta
Sem violência nem carinho
A caminho de minha essência
Além do que me seja óbvio

Quero fazer um poema
Sem seta a apontar
Apenas pontuar na ode discreta
Sem dentro nem fora
A metáfora da lida que enfrento
Abster-me de qualquer foco

Só quero fazer um poema
Sem objetivo nem preço
Alheio a toda gramática
E fazer um poema sem fim,
Causa-efeito ou propósito
Sem lente de aumento
Em câmara lenta...

Quero fazer um poema
Sem rima ou métrica
Assim como a prática ensina
Sem crivo ou divagação
Algo de abstração descritivo
Apesar de fluir no seu ritmo

Quero fazer um poema
Sem título ou preleção
Avesso a seção e capítulo
Sem motivo ou vaidade
A bem da verdade que vivo
Até que me torne memória

Só quero fazer um poema
Sem declaração de amor
Alheio à cena dramática
E fazer um poema ruim
Nada que justifique o vazio
De coisa ou de valor
O sem sentido da vida.

Poeta margenial (lato opus)

O poeta vive à margem da moda
Porque sua poesia genial incomoda
O poeta vê sua imagem usurpada
Pois, seu verso é lâmina de espada!

O poeta usa e abusa seu arsenal
Permanece, além de sua morte
O poeta é um bandido, marginal
Seu a palo seco é vivo e forte!

O poeta canta sua obra libertária
Que a palavra propaga em poesia
O poeta voa em sua asa imaginária
Semeia “Paz & Amor” em demasia!

*“Eu quero é que esse canto torto
Feito faca corte a carne de vocês.”*

Porfia

Atravesso as noites
E atropelo os dias...
Poeta insone, marginal
Menestrel da solidão
No cadafalso da agonia
Céu e chão compactuam
Da sua ode, a utopia

Atravesso as noites
E atropelo os dias...
A ponta cega do punhal
O clarão na escuridão
No solapar da harmonia
Fogo e água perpetuam
À sua ordem, a porfia.

Portal do encanto

Alegria! Alegria!
A utopia entra em cena
Concatenada ao poema
Que move a quem comove
É a vida! É a vida!
O coração nos conclama
Incandescendo na chama
Que arde ainda que tarde!

Aberta a porta da frente
Vê-se em profusão a estética
Do circo de cores vibrantes
A capa cobre o presente
Simula a propensão imagética
Do corpo de autores errantes!

Viva! Para a ousadia
Que vem celebrar o sorriso
Quanto vale esse risco?
Viva! Para a anarquia
De não ter o compromisso
Querer ser mais arisco!
Viva! Para a alquimia
Se o lúdico puder ser isto
Quase um simples rabisco
Que a alguém possa encantar!



Princesa dos canaviais

Ali na mata sul
onde se fez princesa
sob a imensidão azul
na simples realeza
dessa pessoa tua

Além do litoral
das praias de coqueiros
descrevo ao natural
o verso do engenheiro
na branca pele nua

Ale é o apelido
por onde você andava?
enquanto distraído
à toa eu procurava
pelo céu sem lua.

Senda do Aposentado

Chegando ao fim da jornada
da minha labuta profissional
Percebo um ponto de partida
no suposto marco de chegada
Confirmo que todo o começo
delata a sua origem no final.

Na estrada tortuosa e comprida
em que trilhei minha carreira
aprendemos e, às vezes, ensinamos.
A missão que se dá por cumprida
e, pela qual, tanto nos dedicamos
ainda não será a derradeira!

Assim, passo a viver como pessoa
e não valer o preço do meu trabalho
Sem roteiro que nos defina conduta
fazer a própria escolha má ou boa
Agora quero tudo, pois sei que valho
ter da vida o melhor que se desfruta.

Sensei

Sinto que está na hora
O hajime se aproxima
Meu corpo se revigora
Eleva-me a autoestima

Sinto tudo que já sabia
No dojo do sonho shiai
A minha sensei reinaria
No uchi sobre seu kôhai

Eu, sem obi, nem reajo
Se na kata me imobiliza
Sua kukimata no shiajo
No moku su me finaliza

Eu nem sei onde vou cair
Sob o seiken jhodan zuki
Quero viver, provar, sentir
Ser o samurai no harakiri

Tua Graça de gueixa ninja
Expõe todo o bem do mal
O uti mawashi geuri atinja
Meu peito no golpe fatal

Tua Marca que me tatua
À plena posse de Uraken
Seiza ante tua pele nua
No desejo, amor e além.

Signo do ar

Dizem que amores vêm e vão...
Mas, um amor não vem em vão
Quando chega faz cama e mesa
Entra, se aconchega, dá despesa
E quase sempre sai sem pagar

Sei que não sou digno de elogiar
O meu temperamento é peculiar
Com o talento singular do chato
Ainda assim, o meu amor é fato
E o signo é da delicadeza rude
Peço a Deus que nos ajude

E toda a paciência de amiúde
Para amenizar tantos conflitos
Mas, nossos desejos infinitos
Nenhum Deus pode aplacar!

Soneto da perfídia

Por todos os séculos
Em que a gesta se deflagra
Em meio aos ósculos
Tanta perfídia se consagra

Quanto corrupto segue ileso
Sob o pretexto da imunidade
Enquanto a ralé sente o peso
Da mão injusta da autoridade

Por seu ardil, tão vil canalha
Espalha o veneno da mentira
Traz a ira de incautos à balha

Omite fatos, ilude patos, atira
Sua mira é o ódio ao Petralha
Politicalha de uma elite traíra.

Sublime

Um sentimento ousado, arrojado
Como pássaro pousado em meu dedo
Ciente de que algum dia irá voar
Assumo enfrentar este meu medo

Verdades são banalidades, meu bem
Diante de uma paixão que arrebatava
Não há um sentimento mais humano
Este carinho nos une e nada desata

Entre nós, seres ambíguos em signo
Amplificados por afinidades plenas
Vale a pena qualquer risco breve
Pra nos eternizar em meus poemas

Seremos qual um eclipse de gente
Diferente de tudo que houve antes
Abençoados pelo acaso desta vida
A mesma que consagra os amantes

Desejo de carinhos e de carícias
Coisas que somente o afeto redime
O amor florescendo de um beijo
Na ânsia de tocar tua boca, Sublime.

Totens do “Mito”

Um poderoso artefato
Monumental escultura
Cultuado artesanato
Na fabulosa estrutura

De cabeça e asas de águia
Sobre um corpo de leão
Grifo Heráldico de Perugia
Lendário na imaginação

Ou com a cabeça de um galo
Num longo corpo de dragão
Lagarto Basilisco de que falo
Serpente de mortífera visão

São criaturas mitológicas
Que habitam na literatura
Suas origens iconológicas
Traspassam nossa cultura

Mas, a simbologia precede
Qualquer limite do horror
Pois, o significado procede
Quando o cenário é de dor.

Transcendental

Amo você...
Ontem, hoje e para todo o sempre
(Estando bem alegre ou triste e mal)
Ainda que sejas apenas uma imagem
Uma mulher miragem virtual!

Amo você...
Por aquilo que despertou em mim
(Com o torpor de arroubo passional)
Uma atração que nunca havia sentido
Um homem perdido do real!

Amo você...
Pelos poemas que escrevo
(Da inspiração remota e ancestral)
Em todos versos lapidados pela rima
Um amor acima do normal!

Amo você...
Mesmo que esteja ausente
(Na nossa relação transcendental)
Pois, nos imagino ardendo de desejo
E, por um beijo, selo o final.

Um sol impiedoso da razão

Certa vez um vírus nos assolou
Sem nenhum remédio ou vacina
Na ocasião, teve lugar o temor
As pessoas mudaram sua rotina

Em meio a tal surto contagioso
O confinamento tornou-se vital
Fiéis unidos em apelo religioso
Numa peleja contra o vírus letal

As autoridades oficiais do poder
Quase ineptas assistiram o povo
Sem amparo, destinado a sofrer
E a história, a se repetir de novo

Como as pestes da idade média
Um cenário de fato assombroso
Mas, o ápice da trágica comédia
Pode ser ainda mais escabroso

O mito da ignorância viralizou!
A incompetência inócua, confusa
O mito da arrogância viralizou!
A intransigência algoz e obtusa.

Um soneto para servir gelado

Aqui no bar acerca da mesa
Entre amigos, celebro efusivo
Como milagre por estar vivo
Na irreverência da incerteza

E talvez eu morra em breve
Pode ser que nunca te veja
Na dúvida, traz outra cerveja
Faz com que a vida seja leve

Os sonetos são apanágios
Que ao poeta Deus concede
Boêmio em seus naufrágios

Nesta procela em que acede
Vai apurando seus adágios
Até que um dia se despede.

Viva LULA Livre!

*“O que transforma o velho no novo
Bendito fruto do povo será...” Belchior*

Do que brota do povo, não duvide
A esperança que une não divide!
Toda luta, sangue e suor tem o ideal
A diferença que não torna desigual
Um brasileiro comum: “um cidadão”
De qualquer raça, crença ou opinião
Com liberdade de sonhar e ser feliz
Nossa utopia de um possível país
Arrogância e ganância não nos prive
Nosso grito ecoa forte, sobrevive:
Lula livre! Lula livre! Lula livre!

Toda riqueza deve sugerir compartilhar
Nascer, crescer e doar (e brilhar...)
Para amar, como estrelas que iluminam
A fé nessa luta que “eles” discriminam
Ninguém é dono de nada sozinho
E de muitos se faz o caminho
Justiça Social, na alma de cada brasileiro
Como modelo para o mundo inteiro
Acreditando na missão, é que a gente
Com ele (sempre) resiste
Lula Livre! Lula Livre! Lula Livre!

A nação de fato, fraterna e plural
Enseja em cada ser o anseio natural
Onde o bem comum é o respeito
Sem discriminação ou preconceito
Nenhuma prisão haverá de conter
A ideia de outra forma de poder
Que o povo exerça e a ele sirva
Como o fez Luiz Inácio da Silva
Dando voz aos pobres, inclusive
Nosso grito pelo ídolo que vive:
Lula livre! Lula livre! Lula livre!

Aos que gritam, sem leis e com ódio
Milicianos algozes em triste episódio
A cólera fascista assusta, mas assista
Lula é presidente, (do pobre ao artista)
Gente como a gente, (eternamente)
Está em nosso coração e em cada mente
Que cultiva essa semente do solidário
Dos que lutam por um futuro libertário
E portanto, meu coração latino
Ainda (e sempre) insiste
Lula Livre! Lula Livre! Lula Livre!

